

A Beleza Salvará o Mundo

José Costa Matos

“O soneto é a mais rica tentação dos poetas”. Assim falou Otto Lara Resende. Neste ano de 2006, Altevir Alencar edita outra vez seu *Livro de Sonetos*. Riqueza que lhe veio de não resistir à tentação aqui referida. Este piauiense sabe o que faz. Teria grandeza em qualquer outra forma. Mostra isso na firmeza como arruma o conjunto de 103 sonetos. Liberto de ilusões que parecem zelo na busca de originalidade, não hesita em dar a seu livro o mesmo título já adotado por Vinícius de Moraes.

Guittone d’Arezzo estabeleceu as regras do soneto no século XIII. Já lá se vão oitocentos anos. Em trinta e duas gerações, no lado ocidental deste planeta, poetas e leitores sustentam a magia desta forma fixa do mistério poético. Os personagens Mattia Pascal, de Luigi Pirandello, e Quincas Berro d’Água, de Jorge Amado, morreram várias vezes. Mas o soneto, este sim, é “campeão de falecimentos”.

Ao longo destes oito séculos, muitos tabeliães da crítica literária lavraram certidões de óbito do soneto. E eles é que desapareceram, deixando poucos ou nenhuns rastros de sua literatura.

Trinta e duas gerações de poetas e leitores... Seriam todos idiotas, no cumprimento dessa aparente vocação para a eternidade? Depois do modernismo, não houve teoria literária com vitalidade para percorrer uma década sequer. No meio dessas fugacidades, surge o *Livro de Sonetos*, de Altevir Alencar.

Em contraposição a tal efemeridade, e em meio ao falatório de seu desinteresse pela poesia, a juventude continua ligada ao soneto. No alunado universitário, qualquer pesquisador terá surpresas que irão beirando o espanto, na constatação do socorro que o soneto presta à quase mudez das emoções dos jovens. É que entre eles a pobreza de palavras é uma constância angustiante.

Altevir Alencar domina um vasto vocabulário. Mas tem arte para evitar aquela tendência atual da literatura para o abuso de termos difíceis, o que nada inova. Foi apenas um engano do gongorismo, escrita enfeitada, e velha de séculos.

A deficiência da expressão verbal trouxe os grafiteiros. São poetas raivosos? Talvez apóstolos sem rumos. Sentem a necessidade da comunicação. Mas a escola da civilização do estresse os desterrou do primeiro capítulo do Evangelho de João: “No princípio, era o verbo”. E eles não receberam a palavra,

que está no começo de tudo. Borram signos indecifráveis nos monumentos. Amansariam as almas da fúria predadora, se escrevessem poemas como outras gerações mais afortunadas do verbo.

Para Dante Milano, “a missão do poeta não é inventar uma nova poesia, e sim a de manter a poesia viva”. Para se manter viva, a poesia terá que doer ou cantar no lirismo – expressão inevitável da condição humana no tempo. Em qualquer das medidas convencionais do tempo: hora, ano, século, milênio...

Altevir Alencar... como trabalha belamente na abertura dessa forma da nossa eternização possível:

“Tu não aplacarás as minhas ânsias
- Mulher feita de fogo e de distâncias,
Que eu sempre quis... e nunca pude ter.”

Muitas teorias que pretenderam renovar a poesia condenaram a rima. Mas nunca prosperou a condenação da rima nas canções, nos hinos, nas glosas, no cordel, nas cantorias dos violeiros repentistas. Sem rima, essas modalidades poéticas não são sequer imagináveis.

Em Altevir Alencar, as rimas parecem pessoas, conscientes da luz e da música. E sabem o endereço em que trabalham.

Poesia fortemente confessional, por ela, sabe-se quase tudo sobre o mundo interior do poeta. Deus?

“Ser treva, opor-se sempre à luz que desce
de Deus aos homens.”
“Ter o senso agudo,
extremamente oposto à Lei Divina.”

Amor? Descrença e sadismo de adivinhar o pior:

“Pois sinto em mim, na ardência que tortura,
que este amor que me queima é uma loucura,
é minha glória e minha própria ruína.”

Amor? Antecipação da profecia dolorosa:

“Quando ela disse adeus, eu já sabia.
Depois de errar pelos salões devassos,
sem pão, sem lar, descrente e de alma fria,
voltou faminta e trêmula aos meus braços.
... quando ela disse adeus, eu já sabia.”

Harmonização espiritual? Conflito nas buscas:

“Não sei que cataclismo insuportável
trouxe, num prisma estertoral profundo,
a inclinação que sinto pelo imundo
e esta tendência para o imaculável”.

Mas da leitura do “*Livro de Sonetos*” de Altevir Alencar, fica, entre outras, a lembrança daquela:

“Mulher feita de fogo e de distâncias”.

Qualquer sensibilidade buscadora do mistério da poesia fará estação nesse verso. Difícil não parar aqui, para bendizer a Deus, que enriqueceu em suas criaturas a graça de criar a beleza. Aumenta aqui a fé na salvação de tudo isto. Porque a gente se lembra, outra vez, do russo Fiódor Dostoiévski: “A beleza salvará o mundo”.